

Sindicalismo

Anarquistas e comunistas no futebol de São Paulo

Introduzido em São Paulo, em 1894, como esporte de elite, o futebol logo ganhou tal popularidade que as fábricas passaram a estimular sua prática entre os operários. Daí resultou uma controvérsia ideológica entre anarquistas e comunistas, indecisos a respeito de como lidar com esse "esporte burguês" que, pelo apoio dos empresários, enfraquecia o movimento sindical.

Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes

Introduzido em São Paulo como esporte de elite, o futebol foi, aos poucos, se popularizando e fazendo adeptos por todas as camadas sociais. Em meio à classe trabalhadora, nas fábricas e nos terrenos descampados dos bairros operários, ele conquistou uma posição de destaque.

Charles Miller, reconhecido como o primeiro divulgador do futebol no Brasil, era paulista, filho de um engenheiro ferroviário escocês que trabalhara na construção da São Paulo Railway. Como outros jovens descendentes das elites brasileiras e também de origem inglesa, Miller fizera os estudos na Inglaterra e no colégio travara contato com o futebol. Fez parte do time da Bannister Court School e, mais tarde, integrou também a equipe do Southampton Football Club. De volta ao Brasil em 1894, Miller ficou surpreso ao perceber que o futebol era praticamente desconhecido pelos brasileiros, apesar da forte presença britânica no País, com suas indústrias, empresas de comércio e serviços. A colônia inglesa radicada em São Paulo conhecia o futebol, mas estava tão apegada ao cricket (1), cultivado entre os sócios do São Paulo Athletic Club, que não dava atenção ao novo esporte. Assim, Charles Miller, jogador de extrema habilidade técnica da equipe principal de um clube inglês, não tinha com quem jogar no Brasil. Não encontrou lugar apropriado para o jogo, tampouco companheiros para a organização de uma partida.

Charles Miller empreendeu, então, uma verdadeira conversão dos ingleses aqui radicados ao futebol, ensinando-lhes técnicas e táticas do jogo. A primeira partida propriamente dita, no Brasil, só foi disputada no ano seguinte ao de seu retorno, em 1895, no grande descampado da Várzea do Carmo (hoje no centro da cidade e conhecida como Glicério), pasto dos burros puxadores de bondes (Várzea, 1955:154). Acreditava-se que cada uma das equipes, representando a Gas Company e a São Paulo Railway, contasse com seis ou oito jogadores, sem chuteiras e uniformes apropriados, até então inexistentes no Brasil. Mais dois treinos foram realizados no mesmo local, até que o primeiro campo de futebol da cidade fosse instalado na Chácara Dullely, sede do São Paulo Athletic Club, no bairro do Bom Retiro. Lentamente, o futebol foi con-

quistando simpatizantes não apenas entre os técnicos e funcionários das companhias inglesas como também entre os brasileiros das camadas mais elevadas, que fundaram novos clubes.

Popularização e expansão

Nos primórdios do futebol em São Paulo, todo o material necessário à sua prática (uniformes, chuteiras, caneleiras, bolas, etc.) era importado das melhores lojas inglesas. Assim, ele pôde conservar, durante certo período, um caráter elitista e amador. A platéia dos primeiros espetáculos também era "seleta". Jornais da época mencionam a afluência aos campos de futebol de homens vestindo terno e gravata, senhoras elegantes, moças e rapazes de "boas famílias", que iam torcer por seus filhos, irmãos, primos, amigos.

Mas não foi somente entre a elite paulista que o futebol conquistou adeptos. Também entre as camadas menos favorecidas da população, principalmente entre operários, o futebol foi se tornando conhecido e fazendo sucesso. Os primeiros treinos dos ingleses na Chácara Dullely despertaram a curiosidade popular. Cada vez mais, as pessoas queriam saber o que os ingleses faziam no Bom Retiro, como se jogava aquilo. E da curiosidade nasceram o interesse e as primeiras tentativas.

De fácil assimilação, o futebol podia ser praticado de improviso, com qualquer número de jogadores, mesmo com desnível de idades; podia ser jogado ao ar livre e com qualquer tempo, com bola de meia, de papel, de borracha. Numa São Paulo que despertava para o progresso, de povoação ainda esparsa e com muito espaço a ser ocupado, o futebol se transformaria em divertimento acessível e preferido dos meninos descalços dos bairros operários. Meninos e rapazes começaram a jogar nas ruas, calçadas, quintais e pátios das escolas, tudo muito improvisado. Na medida em que iam tomando gosto pelo futebol, procuravam lugares mais apropriados para jogar "de verdade", como os ingleses e o pessoal do Clube Atlético Paulistano. Acorreram à Várzea do Carmo, que já acolhera os primeiros treinamentos dos ingleses. E foi lá, na Várzea do Carmo, que o futebol de rua ganhou organização e, por analogia, o nome de "varzeano". O esporte até então dos ingleses e da elite se popularizava.

Os primeiros campos apareceram na cidade por volta de 1902 e logo superaram, em numero, aqueles dos bairros elegantes. Cresciam vertiginosamente, como nos descreve Neiva (1955:57): "Dormia-se vendo três campos novos, e quando se acordava, lá estavam, a se estirarem livres do capim, mais meia dúzia deles."

Da Várzea do Carmo, os campos se alastraram por toda a cidade, sobretudo nos bairros operários. Com eles, muitos clubes foram surgindo: Brás, Belém, Penha, Bom Retiro, Canindé, Ponte Grande, Santana e Ipiranga tinham as maiores concentrações de clubes de várzea (Silveira, 1955:319). Além da manutenção de equipes de futebol, estes clubes promoviam atividades sociais, como bailes, piqueniques, excursões e pescarias, o que assegurava, também, a participação de mulheres e crianças. Os campeonatos organizados entre essas equipes chamaram a atenção do público e concorreram com os jogos da Liga Paulista de Futebol, fundada em 1901 e que reunia os clubes da elite. Aos poucos, a várzea começou a revelar seus craques, jogadores que, mais tarde, fariam sucesso nos clubes de primeira categoria, inclusive do Rio de Janeiro e até na seleção nacional.

Clubes de fábrica

Com a popularização do futebol, as margens dos rios da cidade foram transformadas em campos de jogo e passaram a funcionar como ponto de encontro e divertimento de trabalhadores e suas famílias.

A expansão dos times de várzea e a incorporação de seus jogadores aos clubes tradicionais foram etapas importantes da difusão do futebol no Brasil. Ao lado da várzea, os clubes mantidos por empresas, principalmente indústrias, foram outro importante meio de popularização do esporte.

Já na década de 20, seria mesmo difícil apontar a indústria que não tivesse ao menos um pequeno núcleo esportivo organizado. Tal como aconteceria com os clubes de várzea, os clubes de fábrica rapidamente se espalharam por São Paulo. As associações desportivas reunindo colegas de trabalho não paravam de se multiplicar, levando o futebol a reunir um número cada vez maior de pessoas. Formou-se uma tradição operária de futebol amador praticado em

clubes de fábrica, em geral criados por iniciativa dos próprios trabalhadores, embora as empresas desempenhassem papel fundamental na manutenção dessa atividade, através de colaboração material e financeira.

O futebol mobilizava as atenções das camadas sociais menos favorecidas e integrava seu cotidiano. Ele fazia parte de todas as conversas; por todos os lados, viam-se grupos de moleques dando pontapés numa bola; nos fins de semana, os inúmeros campos da cidade ficavam repletos de espectadores. O sucesso do futebol podia ser facilmente constatado.

"Esporte burguês"

Essa movimentação não foi estranha aos anarquistas e aos comunistas, tendências do movimento operário com relativa inserção no proletariado urbano-industrial durante as primeiras décadas do século. Essas tendências devotaram um interesse especial pela difusão do futebol entre a classe operária; alguns sindicatos se ocuparam dessa questão com certo entusiasmo. Chamavam-no "esporte burguês"; apontavam os efeitos "maléficos" dos clubes de fábrica, poderoso "ópio" capaz de minar a união e a organização da classe. Mas enquanto estes grupos promoviam acirrados debates quanto à aceitação do futebol, o esporte continuava conquistando adeptos entre os trabalhadores. O gosto pelo futebol crescia independentemente das opiniões do movimento operário e dos sindicatos. O apego à doutrina política e a certa visão de mundo impedia que anarquistas e comunistas compreendessem que o futebol já fazia parte da cultura operária.

Durante as duas primeiras décadas do nosso século, a presença do anarco-sindicalismo no movimento operário foi marcante. Os militantes desta corrente política costumavam reunir os trabalhadores em festas de propaganda com fundo doutrinário e educativo. Tais festas consistiam em conferências, bailes e apresentações teatrais e eram organizadas em salões pertencentes a associações de classe. Mas, segundo Hardman (1983:38), no final dos anos 10, a tradicional festa de propaganda foi sendo substituída por festivais, piqueniques e excursões ao ar livre e em locais públicos, onde prevalecia o aspecto lúdico.

Entre as atividades constantes

dos programas destes festivais, divulgados pelos jornais de orientação anarquista, encontramos os "matches de football" ocupando lugar de destaque. Os anarquistas criticavam o baile e o futebol por serem elementos culturais próprios da burguesia, que ela impunha aos trabalhadores, mas toleravam estas atividades em seus festivais, na medida em que a difusão do futebol e do baile se subordinasse à eficácia da pregação libertária.

Essa posição anarquista passou por alterações no final dos anos 20 e começo dos 30. Nesse período, a imprensa operária, tanto de tendência anarquista como comunista, denunciou a presença da classe dominante nos bairros operários e a tentativa de estabelecer um domínio sobre a classe trabalhadora, entre outros meios também através dos clubes de futebol. Os anarquistas, que vinham tolerando o futebol no meio operário, colocaram-se ao lado dos comunistas e posicionaram-se contra a prática desse esporte, argumentando que ele enfraquecia e desvirtuava a luta. A prática do futebol, principalmente nos clubes de fábrica, levava os trabalhadores a defender o nome da empresa, separando-os e colocando-os em confronto. Em geral, o discurso da imprensa operária era mais ou menos este:

"Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política.

Não existe nenhuma vila ou aglomerado de casas de operários que não tenha o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos.

Nos campos de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutalizam-se a ponto de só verem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões." (A Plebe, 28/1/1933 — de orientação anarquista)(2).

Líderes do movimento operário e dos sindicatos denunciavam a exploração do trabalho nas fábricas, as más condições de vida e a "sujeição" dos trabalhadores à "ordem burguesa", tanto no espaço da produção como no seu cotidiano. Lutavam contra o desinteresse dos trabalhadores pelos teóricos socialistas e pela necessidade de organização sindical. Acusavam os tra-



Ilustração de Fortuna

balhadores de só se interessarem pelos bailes e pelo futebol, elementos culturais "impostos" pela burguesia(3). Como apontavam alguns jornais, a responsabilidade por tal situação cabia, em parte, aos próprios trabalhadores, por se deixarem levar por esses "passatempos burgueses":

"(...) observamos que uma grande parte das responsabilidades cabe a nós exclusivamente, porque até hoje, aceitando o engodo dos interessados na perpetuação do regime de exploração, temos corrido ao futebol, bailes, às igrejas e aos centros políticos de todos os matizes, descuidando do sindicato que é donde de fato o trabalhador adquire a consciência de si próprio, o valor de sua personalidade." (*O Trabalhador Chapelreiro*, 1/1/1933 — órgão do sindicato dos chapelheiros).

"Proletarização do esporte"

Enquanto os anarquistas mantiveram sua oposição ao futebol, alguns sindicatos e grupos de tendência comunista resolveram mudar sua forma de atuação. Ao invés de simplesmente criticar o esporte "imposto" aos trabalhadores, tentaram organizar o lazer operário de modo a contrapô-lo à "cultura burguesa". Para isso, passaram a defender o funcionamento dos sindicatos como centros de atividades educacionais e recreativas,

capazes de conduzir a uma "consciência proletária". Propunham uma espécie de auto-gestão do futebol pelos trabalhadores. Grupos comunistas empreenderam uma campanha pela "proletarização do esporte", principalmente entre os clubes de futebol, numa tentativa de aproximar os jovens das atividades sindicais. Pretendiam dar ao futebol um tratamento diferente daquele que a burguesia lhe dispensava: ao invés de utilizá-lo para controlar e dividir jovens, os comunistas queriam fazer do esporte um elemento aglutinador da classe operária. Assim, o futebol se constituiria em mais um campo de luta pela libertação de todas as formas de miséria e opressão. Os comunistas, que durante muito tempo foram radicalmente contrários à adoção do futebol pelos trabalhadores, cultivaram expectativas um pouco exageradas quanto ao esporte, chegando a propor a criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos(4). Os argumentos favoráveis à "proletarização do esporte" eram quase sempre os mesmos, como este artigo publicado em *O Trabalhador Gráfico*, de 25/5/1928:

"Viva o Esporte Proletário!
A necessidade do esporte para a juventude é um fato inconteste. À burguesia se aproveita des-

se fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes.

Que fazem os jovens nos clubes burgueses?
Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva nesses a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. (...) Todo operário footballer deve ingressar nos clubes proletários.

Já existem alguns, outros entretanto devem ser criados.
No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais. (...)

Nós estamos a ver com simpatia a proletarização do futebol se vem fazendo entre nós, com a fundação de departamentos esportivos junto às organizações operárias e criação de clubes nas fábricas, nas oficinas de jornais, enfim, em toda a parte onde existe consciência proletária.

Entretanto, urge fazer um reparo: esses clubes, já em crescimento número, deviam todos entrar num entendimento e ingressarem nas sedes dos sindicatos, onde ficariam em departamentos anexos, e, em seguida, organizariam uma entidade suprema, uma Federação, por assim dizer.

Ter-se-ia, destarte, proletarização do esporte.

Outros operários, exímios footballers deixariam os clubes burgueses, vindo para os dos seus irmãos de luta..."

Quando criticados pelos anarquistas a propósito da segregação dos jovens operários que o futebol promovia, os comunistas argumentavam que, caso estes jovens não tivessem acesso à prática do futebol dentro dos sindicatos, eles o teriam fora deles. Os comunistas haviam reconhecido que o futebol conquistara adeptos demais em todas as camadas sociais. Assim sendo, o melhor a fazer seria estimular o controle total dos operários sobre seus clubes; acabar com práticas que exploravam ainda mais o trabalhador, como o desconto mensal de pequenas quantias das folhas de pagamento, destinadas à manutenção do clube da fábrica. No verdadeiro esporte operário, atitudes como essa não poderiam ter lugar. Diziam: "Trabalhadores que somos, organizaremos os nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesse de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária." (*Nossa Voz*, 1/7/1934).

Grupos anarquistas preferiram promover a instrução do proletariado. As atividades recreativas teriam sempre um fim educativo. Criticavam os comunistas por terem, na tentativa de promover o esporte operário, transformado sindicatos com longa tradição de luta em meros centros esportivos e dançantes.

O Estado Novo

O advento do Estado Novo, em 1937, acabou inibindo a atuação dos sindicatos e das associações de classe, bem como seus objetivos com relação ao esporte operário. No entanto, a proposta comunista de utilização do futebol em benefício da classe trabalhadora foi retomada anos mais tarde, em 1945/1946, durante o curto período de legalidade do Partido Comunista. Eduardo Dias (1983:59), um militante com experiência de atuação na clandestinidade, conta que, naquele momento, as lideranças falavam uma língua estranha aos operários. Cansados dessa situação, alguns militantes do bairro da Mooca, dentre eles Dias, resolveram criar um clube de futebol, o qual, além das atividades esportivas, exerceria também as atividades de um organismo político. A fundação do Clube Esportivo Dinamo Paulista, assim batizado numa menção ao famoso Dinamo de Kiev, foi uma experiência bem sucedida. No entender desses militantes comunistas, o futebol representava um universo cultural alheio aos partidos, mas presente no cotidiano da classe operária e que reunia um grande potencial de mobilização e organização popular. Nesse sentido, os clubes de futebol seriam um espaço alternativo de educação, politização e organização dos trabalhadores. Estes estavam muito distanciados dos partidos políticos, mas o sistema de organização e funcionamento de um clube de futebol lhes era bastante familiar(5).

Anarquistas e comunistas, embora relutantes em aceitar a prática do futebol no meio operário, assistiram à derrota de suas resistências, acabando por reconhecer que a popularização do jogo e sua adoção pela classe trabalhadora eram irreversíveis. No entanto, para estas tendências do movimento operário, seria necessário subverter os objetivos e as caracterís-

ticas que a burguesia imprimia ao futebol. Comunistas, em particular, pregaram a apropriação do esporte, tendo em vista os ideais da causa operária, ou seja, a libertação de todas as formas de opressão. Tendo ou não alcançado este intento, o certo é que tanto anarquistas como comunistas tiveram participação importante na popularização do futebol entre a classe operária, notadamente entre os trabalhadores de alguma forma vinculados a sindicatos e associações de classe.

Notas:

1 — De origem inglesa, o cricket é disputado entre duas equipes de onze jogadores, cujo objetivo é levar uma bola, tocada por uma espécie de pá ou raqueta de madeira, à meta adversária, demarcada por estacas cravadas no chão. Bastante difundido na Inglaterra e em suas antigas colônias, o jogo não obteve sucesso em outros países.

2 — Esta e outras citações de jornais da imprensa operária foram coligidas por Maria Auxiliadora Guzzo Decca em *A vida fora das fábricas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

3 — Hobsbawm (1987:287) identifica uma crítica similar feita pelos líderes do movimento operário britânico aos trabalhadores, os quais chamavam de "vasta massa apática", no final do século XIX. Segundo eles, os trabalhadores não se interessavam pelo sindicato e pelos rumos do movimento operário, mas demonstravam um vivo interesse pelo futebol. Os militantes e líderes do movimento operário estavam tão afastados do mundo da maioria que não percebiam a importância que o futebol assumira na cultura dos trabalhadores. Principal assunto das conversas sociais nos bares, verdadeira "língua franca das relações sociais entre os homens", o futebol havia se tornado parte do universo de todos os operários.

4 — Fridenson (1989:56) relata iniciativa semelhante posta em prática pela CGT francesa, através da fundação da Federação Esportiva e Ginástica do Trabalho em 1934. O objetivo deste órgão era difundir vários tipos de práticas esportivas sob direção operária. A Federação foi inspirada na Internacional Esportiva Vermelha, criada em 1921, e que criticava duramente as "associações esportivas burguesas" e a "competição reservada aos azes e não às massas". Apesar do empenho dos cegetistas em esvaziar os "clubes patronais burgueses" para encher os da Federação, esse objetivo não se efetivou plenamente. Após a Segunda Guerra Mundial, a reorganização das atividades desportivas em muitas fábricas ocorreu com a total colaboração de organizações operárias.

5 — Pereira de Queiroz (1984:906) vê o surgimento de muitos clubes de futebol e escolas de samba entre as décadas de 30 e 40 como uma necessidade da "massa popular urbana" se organizar espontaneamente, longe da tutela do Estado, que, a partir da vinculação direta dos sindicatos ao Ministério do Trabalho em 1943, passara a gerir a luta dos operários por seus direitos.

Bibliografia:

Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. (1987). *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
Dias, Eduardo. (1983). *Um imigrante e a revolução. Memórias de um militante operário — 1934-1951*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
Fridenson, Patrick. (1989). "Les ouvriers de l'automobile et le sport". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, N.º 79, setembro 1989, pp. 50-62.
Hardman, Francisco Foot. (1983). *Nem pátria, nem patrão. Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
Hobsbawm, Eric J. (1987). *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
Neiva, Adriano. (1955). "Escrevendo uma história". In *Vários Autores*. 60 anos de futebol no Brasil. São Paulo, Federação Paulista de Futebol, 1955.
Pereira de Queiroz, Maria Isaura. (1984). "Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana". *Ciência e Cultura*, N.º 36, junho 1984, pp. 893-909.
Silveira, Osvaldo da. (1955). "Do Velódromo ao Morumbi". In *Vários Autores*. 60 anos de futebol no Brasil. São Paulo, Federação Paulista de Futebol, 1955.
Várzea, Paulo. (1955). "Começo e desenvolvimento do futebol em São Paulo". In *Vários Autores*. 60 anos de futebol no Brasil. São Paulo, Federação Paulista de Futebol, 1955.

Fátima Martins Rodrigues Ferreira Antunes é Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo e socióloga da Prefeitura do Município de São Paulo. Endereço da autora para correspondência: Alameda Franca, 1222 apto. 85 — CEP 01422-001 — São Paulo — SP.